

A MÃE DE TODAS AS CIÊNCIAS



Artigo de divulgação



Ensino Secundário



Filosofia



Ciências | Conhecimento | Filosofia | Pensamento



Todos sabemos que, só por si, a palavra **filosofia** assusta e afasta muita gente, sobretudo os adolescentes, a quem a respetiva disciplina é, muitas vezes, “impingida” com discursos herméticos como, por exemplo, *“iniciar a discursividade filosófica, prestando particular atenção, nos discursos/textos, à análise das articulações lógico-sintáticas e à análise dos procedimentos retórico-argumentativos...”*.

Esta passagem de um Programa oficial que tive oportunidade de ler, acentuou-me a convicção de que um discurso tão desnecessariamente rebuscado faz fugir “a sete pés” um qualquer adolescente. A mim, cuja idade pesa mais do que cinco adolescentes, foi o que me aconteceu, fugi.

Da autoria do Professor António Galopim de Carvalho, este recurso educativo integra uma coletânea de artigos de divulgação, em domínios da Filosofia, que pretende “traduzir” de forma acessível e agradável diversos temas desta disciplina para o comum dos cidadãos.

Enquadramento curricular	<ul style="list-style-type: none">• Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Compreender o que é a Filosofia• Perceber como o pensamento crítico contribuiu para o surgimento da Filosofia no mundo ocidental• Identificar a natureza das questões filosóficas• Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar

EXPLORAR

É verdade que no discurso filosófico há textos que o cidadão comum não consegue digerir. Na realidade, só os académicos sabem o que é a **Filosofia**, o grande domínio do conhecimento, de que falam e escrevem. Verdadeiramente e em profundidade, esse elevado nível existe e é tão necessário e respeitável como a Física teórica mais avançada.

Mas do mesmo modo que convivemos facilmente com os mais vulgares rudimentos desta disciplina (peso, pressão, velocidade, som, luz e cor, entre outros) podemos encontrar na Filosofia a explicação para muito daquilo que fazemos, pensamos e somos, simplesmente, como gente.

Já aqui escrevi que o afeto, a seriedade, a simplicidade, a humildade e a arte de tornar simples e belo aquilo que poderá parecer difícil e destituído de beleza, são as vias de sucesso do educador, do professor e do divulgador de conhecimento, qualquer que ele seja. Foi esta a minha profunda convicção como professor, falando ou escrevendo, nos mais variados níveis de ensino, em quatro décadas de profissional no ativo, e continua a ser, como aposentado, numa espécie de voluntariado, agora, à distância.

A Filosofia não é algo de inabarcável pelo comum dos cidadãos. Pelo contrário, é um hino àquilo que nos distingue como espécie (o *Homo sapiens*) no seio da biodiversidade. Um hino perfeitamente audível e de invulgar beleza.

No sentido estrito, Filosofia quer dizer, pura e simplesmente, amor ou interesse pelo conhecimento. Assim, todos somos filósofos sempre que procuramos saber ou investigar algo, simples ou complexo, vulgar ou erudito. Tudo é **sophia** (conhecimento) e tudo é, para os respetivos cultores, motivo de **philo** (interesse, amor e, por vezes, paixão). O filósofo é apenas uma pessoa que é amiga do saber. *“Não é dono da verdade, nem detém todo conhecimento do mundo”*, terá dito Pitágoras no século VI a.C., e acrescentado *“a sabedoria plena e perfeita é atributo exclusivo dos deuses”*.

Ao tempo das primeiras cidades gregas, alguns cidadãos *polítikoi* (cidadãos) começaram a procurar respostas fora da mitologia. Começou aí a florescer o pensamento crítico, tendo sido, crê-se, essa atitude de reflexão, em busca do conhecimento, que conduziu ao nascimento da Filosofia no mundo ocidental e, ao fazer uso do pensamento racional e ao manter-se dentro desta linha, separou-se do pensamento religioso. Mais concretamente, a Filosofia grega afastou-se da Mitologia (ou seja, da religião), ao privilegiar a argumentação racional.

São muitos os que aceitam que a Filosofia ocidental surgiu na Grécia antiga, com pensadores originais, como o matemático, engenheiro e astrónomo, Tales de Mileto (c.624-c.546 a.C.), o matemático, Pitágoras de Samos (c.570-c.500 a.C.), o historiador e geógrafo, Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), e outros. Mais conhecidos de entre muitos, estes foram cidadãos empenhados em responder, através do pensamento, a problemas cruciais como o “princípio e a natureza das coisas”, a “origem e as características do conhecimento”, os “valores morais e estéticos”, a “existência e natureza de divindades”.

Pelas obras que nos deixaram, deduzimos que os seus pensamentos foram estimulados pela interrogação, admiração e, por vezes, assombro relativamente a tudo o que os rodeava. Para muitos deles, vistos por alguns como enviados dos deuses, a filosofia era essencialmente, o *“desejo de progresso espiritual”*.

Aqui, abro um parêntese para reafirmar este pensamento, dizendo que a Filosofia deve ser, para todos nós, ***“o desejo do progresso e aperfeiçoamento intelectual a que temos direito como cidadãos”***.

Para esses pensadores, o conhecimento de uma dada matéria, por mais abrangente que fosse, era sempre insuficiente quando comparado com o saber absoluto. “Só sei que nada sei”, a frase atribuída a Sócrates (469-399 a.C.), que sintetiza esta posição, é e será sempre verdadeira.

Até finais do século XVII, todas as disciplinas do conhecimento cabiam no âmbito da Filosofia, incluindo as que hoje classificamos de científicas. Física, Química, Matemática, Geometria, Astronomia, Medicina, “Filosofia Natural” (nome que então se dava às Ciências Naturais) e outras, tudo era Filosofia. Ainda hoje, em muitos países, o doutoramento é referido por PhD (*Philosophical Doctor*).

Liberta dessas disciplinas (que conquistaram os respetivos caminhos com recurso a uma importante componente experimental), mas sem se afastar do que delas resulta ao nível das grandes sínteses, a Filosofia (com letra maiúscula) reúne hoje um vasto conjunto de temas (por vezes vagos para muitos de nós) libertos das tecnologias laboratoriais, das observações de campo e outros que caracterizam essas ciências. Resumidamente, diferencia-se da investigação científica, na medida em que, praticamente, não necessita recorrer a procedimentos experimentais. Foi pensando, debatendo e trocando ideias que, mais de dois mil anos antes de haver esses recursos, nasceu a Filosofia. Ela não é, do modo nenhum, o que resta do processo de autonomização, crescimento e consolidação das ciências, como hoje as entendemos. O seu carácter profundamente dinâmico, abrangente e reflexivo faz dela o patamar mais elevado do génio humano.

Tendo por meta a globalidade do conhecimento, ao nível do absoluto e que, nessa medida, ela se assume como a ciência de todas as ciências, a Filosofia usa para tal o pensamento, entendido como a expressão mais avançada da matéria após uma evolução de cerca de 13 800 milhões de anos, a idade do Universo.

É esta a Filosofia dos filósofos, que sem pretendermos entrar nos seus mais eruditos meandros, podemos e devemos saber que existe, podemos e devemos respeitar. Nestas linhas e numa prosa que procuro ser entendível e de agradável leitura, está o que penso ser indispensável a qualquer pessoa que deve querer ser mais do que simples expectante de tudo o que o rodeia.